

“UM OLHAR ESTRANGEIRO”: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS DO CELIN-UFPR

Jovania Perin SANTOS

O presente texto relata a experiência de uma atividade extraclasse realizada com alunos de português para estrangeiros (PLE) no Centro de Línguas e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná (CELIN-UFPR) no mês de julho de 2009, durante o curso intensivo de férias. Este relato tem como principal objetivo abordar as razões que nos incentivaram a realizar tal experiência, bem como, os aspectos teóricos que nos embasaram e apresentar uma breve descrição do perfil dos nossos alunos.

Falava-se, entre os professores de português para estrangeiros do CELIN-UFPR, em criar uma atividade extraclasse, com tema universal, em que nossos alunos pudessem interagir – fosse entre os estrangeiros de diferentes níveis e línguas, fosse entre os brasileiros estudantes de línguas estrangeiras e também com a comunidade externa. Ao mesmo tempo, pensávamos em uma atividade que possibilitasse aos nossos alunos produzir diferentes tipos de textos para um leitor real.

Foi então, que propus a realização de um concurso de fotografia com o tema “Um olhar estrangeiro”, por ser uma atividade comum a todos os alunos, uma vez que todos fotografam, todos estavam no Brasil e haviam feito fotos nas suas viagens pelo país e passeios pela cidade de Curitiba. Nosso objetivo era mais pedagógico do que artístico, razão pela qual, ficamos em dúvida entre fazer uma exposição ou um concurso de fotografias. Optamos pelo concurso como modo de estimular as pessoas a participarem, mostrar as suas melhores fotos e ter a chance de ganhar algum prêmio e também por ampliar o número de atividades de produção textual.

Por que um evento cultural?

Com um evento cultural, além de sairmos do espaço da sala de aula e explorarmos outros espaços na escola, teríamos uma situação real de prática social. Aliado a isso, a arte da fotografia funcionou como um filtro mediador para os diferentes olhares de nossos alunos. A escolha do tema “Um olhar estrangeiro”, que nos

aproximou da antropologia, foi pelo fato de todos os participantes serem estrangeiros e, inspirada por artistas estrangeiros que retrataram o Brasil como J. B. Debret, J. M. Rugendas e Alfredo Andersen.

A globalização nos aproxima, virtualmente ou não, de pessoas de diferentes lugares. Os contatos pessoais vêm se ampliando, seja entre compatriotas ou estrangeiros, e é facilmente perceptível como as “fronteiras culturais” estão se “aproximando”. No curso de Português para Estrangeiros essa realidade é ainda mais intensa, pois ter em um mesmo grupo em sala de aula, pessoas dos cinco continentes do mundo não é tão raro. Ao mesmo tempo subjacente, porém permeando todo o trabalho linguístico que realizamos com nossos alunos, está a questão cultural. O antropólogo francês Michel Agier (2001, p.7) falando sobre os distúrbios identitários em tempos de globalização, explica que:

por um lado a globalização coloca em questão, pelo acesso maciço aos transportes e às comunicações, as fronteiras territoriais locais e a relação entre lugares e identidades. Por outro, a circulação rápida das informações, das ideologias e das imagens acarreta dissociações entre lugares e culturas. Nesse quadro, os sentidos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias. Híbrida ou mestiça, como se diz agora, a cultura encontra-se assim mais dominada do que nunca pela problemática da identidade, que se enuncia cada vez mais como uma ‘identidade cultural’.

Assim, segundo o citado autor, somos o outro de alguém, o outro de um outro e este fato é o ponto de partida das buscas de identidades individuais ou coletivas. Por essas razões, defende o autor, é necessário pensar-se a si próprio a partir de um olhar externo, até mesmo de vários olhares cruzados. Seguindo esse ponto de vista, os meios urbanos podem ser fatores de encadeamento ou reforço dos processos identitários. (AGIER, 2001, p. 7).

Possibilitou-se, através da realização de um evento cultural, que os olhares multiculturais de nossos alunos coexistissem em um espaço que propiciasse a interculturalidade e respeitasse a singularidade de cada olhar.

Acredito que ensinar e aprender uma língua não estejam dissociados do ensino e aprendizagem da cultura e das mediações culturais. No entanto, cada vez mais podemos perceber que “as línguas, especialmente as estrangeiras, adquirem um papel cultural novo, transformadas como estão em *commodities*, em objetos de compra e venda, em

objetos de ascensão social e econômica” (JORDÃO, 2007, p. 20). Acrescento a isso a importância do Brasil no panorama mundial atual, onde participa do BRIC (Sigla criada para designar os quatro países emergentes do mundo: Brasil, Rússia, Índia e China), e por isso a crescente procura em aprender a língua portuguesa, principalmente por parte de alunos vindos de países orientais, com os quais o Brasil vem estabelecendo importantes relações comerciais. Estes alunos vêm de uma cultura muito diferente e, geralmente, têm uma visão de língua estrutural, ou seja, concebem a língua como um código, o qual está entre o sujeito e o mundo. Muitas vezes estes alunos atribuem ao estudo sistemático e memorização das estruturas da língua o seu sucesso como falantes. Cabe a nós, professores, a difícil tarefa de conscientizá-los de que língua não é apenas um código e não basta memorizar regras gramaticais para ser fluente em um idioma.

No entanto, toda mudança de paradigma exige um esforço para compreensão e adaptação a novos modelos. Temos pensado em várias estratégias e atividades didáticas que possam auxiliar a aprendizagem da língua portuguesa e da cultura brasileira. Não queremos uma “transformação radical” de nossos alunos, que deixem de ser coreanos ou estadunidenses, por exemplo, nem tão pouco que, em um ou seis meses que passem conosco, absorvam toda a nossa cultura. Queremos criar situações para que os alunos desenvolvam suas habilidades comunicativas, sejam escritas ou orais, e através disso, possibilitar maior “entendimento dos outros, de nós mesmos, bem como do que há ou não de nós em outros e de outros em nós” (JORDÃO, 2007, p. 28). Não buscamos a transformação cultural de nossos alunos, mas a mediação cultural.

Segundo Jordão (2007, p.21) “é impossível conceber espaços de neutralidade: nossos valores, nossas perspectivas, nossos ideais são estabelecidos conforme as *lentes* de que nos utilizamos para perceber o mundo”. Em relação ao evento cultural que fizemos - I Concurso de Fotografia, do curso de português como língua estrangeira do CELIN-UFPR, com o tema “Um Olhar Estrangeiro” -, falamos de *lentes* no sentido figurado, mas também no sentido literal. Por meio da fotografia o olhar de cada um passa a ser legítimo, particular, especial, exótico e às vezes comum. O que percebemos durante a exposição foi que as diferenças culturais eram valorizadas, sobretudo pelos brasileiros, que não faziam apenas comparações entre as culturas, mas que as observavam tal como eram, com suas particularidades ou não. Chamou-nos a atenção comentários de brasileiros falando sobre a foto de um aluno árabe, que dizia estar encantado com a chuva em Curitiba. Só quando não se vê a chuva regularmente é que se passa a valorizá-la. O que percebemos foi que alguns brasileiros, naquele momento

olharam para a sua realidade de outra forma através do olhar do estrangeiro. Propiciar uma consciência da própria cultura e da cultura do outro tem sido uma nobre função do ensino de línguas estrangeiras.

Temos falado de cultura, mas que conceito de cultura nos norteia? O antropólogo Clyde Mitchell (apud AGIER, 2001, p 11), explica que:

a cultura seria um ‘vasto celeiro de significações’ construído pelas pessoas ao longo do tempo e do qual se utilizam de acordo com as seleções situacionais, o que pode tornar os componentes do celeiro cultural, diversos e mesmo contraditórios. O caminho que vai da cultura à identidade, e vice-versa, não é único, nem transparente e tampouco natural. Ele é social, completo e contextual.

Para o antropólogo Clifford Geertz (2008), a cultura faz parte estruturante da organização das sociedades, e o autor menciona que esta pode ser definida como um sistema de organização (e controle) das coletividades, sistema este pautado em um mecanismo de apreensão do poder por meio da posse dos signos de poder. Para complementar, Geertz diz que: “Nossas ideias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais – na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos, e, não obstante, manufaturados”.

No entanto, uma das manifestações da cultura, talvez a mais importante delas, é a língua, e esta a partir de meados do século XX, em uma perspectiva pós-estrutural, como diz Jordão (2007, p. 20) “vem sendo entendida, ora como código estruturador do pensamento, ora como um sistema interpretativo do mundo, a língua passou a ser concebida como *discurso*, como sistema de construção de sentidos, ao invés de código transmissor de sentidos exteriores a ela.”

Incentivar nossos estudantes a participarem de atividades culturais com o propósito de interação, torna-se fundamental para que estejam expostos a situações de negociação de significado tendo que: estabelecer contato com outras pessoas que não os compatriotas ou os colegas da própria sala; estimular mudança de atitude; falar sobre suas experiências; produzir textos escritos e orais para um leitor real; e mostrar a sua cultura.

Em artigo para a revista Letras de Hoje, intitulado *O papel da interação na pesquisa sobre aquisição e uso de língua estrangeira: implicações para o ensino e para a avaliação*, Schlatter *et al* (2004, p. 8) esclarece que:

O conceito de proficiência linguística/sucesso muda de conhecimento metalinguístico e domínio do sistema para uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo, este conceito se baseia na perspectiva Vygotskiana, na qual a aprendizagem e o desenvolvimento humano estão inerentemente vinculados à prática social. Em outras palavras, a aprendizagem é coletiva, co-construída pelos participantes, instanciada através da interação.

Buscávamos uma situação de aprendizagem verossímil, por acreditar que, “a aprendizagem não pode evoluir favoravelmente senão em situações reais, funcionais, o que obriga a conceber de outra forma, com muito mais rigor, as relações que o ensino mantém com ela” (FOUCAMBERT, 2008, p.169). O autor citado refere-se às transformações necessárias no ensino para permitir explorar novos caminhos e com isso proporcionar a aprendizagem na interação do indivíduo com o meio onde ele age. Segundo Schlatter *et al* (2002, p. 13): “a aprendizagem é resultado da participação em atividades mediadas socialmente, e que é resultado da interação social e da co-construção do conhecimento pelos participantes da interação”.

Evento cultural com função pedagógica

Nossos alunos são de diferentes partes do mundo, em sua maioria intercambistas da Universidade Federal do Paraná (europeus, estadunidenses, sul-americanos e orientais), ou estrangeiros interessados na nossa língua e cultura, por razões pessoais, profissionais ou culturais. Os estudantes frequentam aula em vários níveis, dependendo da proficiência em língua portuguesa que apresentam - Básico 1, Básico 2, Pré-Intermediário, Intermediário 1, 2, 3 e Avançado. Em grupos separados ficam os hispanofalantes – Básico, Intermediário e Intermediário Superior Hispânico. Além disso, temos um curso especial para estudantes sulcoreanos, os quais, são alunos de duas Universidades da Coreia do Sul. Esses alunos, mais do que outros, tendem a se relacionar entre si, evitando assim, situações de “negociação de significado” o que gera menos interação e consequentemente menos aprendizagem da nossa língua e cultura.

Partindo dos pressupostos citados, organizamos, então, um evento cultural como meio para a confecção de textos seja escritos e orais. Na sequência, estão descritos os textos produzidos e seu processo de desenvolvimento.

Inicialmente fizemos uma pesquisa informal junto aos alunos para perceber o seu interesse em participar de um concurso de fotografia. Tivemos um retorno positivo e discutimos o tema do concurso com uma aluna francesa, a qual nos forneceu fotos do seu blog para incentivar os colegas a participarem. A partir daí iniciamos a preparação do evento nas aulas particulares com uma aluna coreana de nível intermediário 2, sendo que, nestas aulas seu objetivo maior era preparar-se para o exame de proficiência de língua portuguesa o CELPE-Bras. Julgamos ser ideal, para a organização do concurso, o estudo e a elaboração de textos escritos em forma de tarefas nestas aulas por coincidir com alguns dos objetivos do exame CELPE-Bras do qual ela participaria.

Os textos realizados foram: cartaz de divulgação com o regulamento do concurso; divulgação nas salas de aula; convite formal enviado por e-mail para os jurados; legenda para as fotos e comentários sobre quando e porque fez a foto; certificado de participação e para os vencedores do concurso; depoimento para um programa de TV em matéria realizada pela TV da UFPR; escrever um texto informativo para o site do CELIN, falando sobre o jantar de encerramento do curso de português e a premiação do concurso.

Participaram do concurso 18 alunos, sendo um total de 62 fotos. Cada aluno pôde participar com no máximo 4 fotos, as quais deveriam enquadrar-se nas categorias: paisagem, cenas urbanas, choque cultural e turista. Todos os alunos participantes escreveram legendas e comentários que acompanhavam as fotos, esses textos foram revisados pelos professores e reescritos pelos alunos. Participou do depoimento para a TV da UFPR um aluno alemão vencedor da categoria turista e paisagem. Os demais textos foram elaborados por uma aluna coreana em aulas particulares.

Para orientar nossos alunos na produção de textos nos pautamos, entre outras leituras, pelo trabalho realizado pela professora Vera Lúcia Lopes Cristovão, no livro “Modelos didáticos de gênero: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira”. Buscamos através de perguntas e da formulação de hipóteses, orientar os alunos quanto aos parâmetros que auxiliaram suas decisões enquanto agentes produtores e leitores de textos. Os parâmetros do contexto de produção podem ser agrupados em dois tipos de representações: as do mundo físico e as do sócio-subjetivo. O primeiro, diz respeito às informações do espaço e do tempo, que constituem o contexto físico, como: emissor, receptor, lugar e momento de produção do texto. O segundo se refere a aspectos do mundo social e do mundo subjetivo como: enunciador, destinatário, lugar social e o objetivo. Esses parâmetros são identificados simultaneamente através de perguntas

esclarecedoras como, por exemplo, para quem vamos escrever o texto? Qual o papel social dessas pessoas? Ou, quais as características das pessoas para quem estamos escrevendo? Quais os nossos objetivos? O que queremos que eles façam? Como podemos ser mais convincentes? Onde esse texto vai circular? Quem vai assinar o texto, quem é essa pessoa ou Instituição? Que relações ela tem com o leitor e com a sociedade?

O próximo plano foi em relação à “arquitetura interna dos textos”, isto é, a identificação das propriedades específicas do texto, como: infraestrutura geral do texto (organização do conteúdo temático, tipos de discurso); mecanismos de textualização (desenvolvimento do conteúdo temático e o estabelecimento da coerência e coesão textuais); e mecanismos enunciativos (as vozes do texto).

Para auxiliar nossos alunos a lerem e produzirem textos, sobretudo os que não passaram, em sua língua materna, por um processo de análise e produção textual, é preciso praticar com eles as relações entre a situação de produção, as características dos textos e o efeito que os textos exercem sobre seus receptores ou interpretantes. Nesse processo de ensino/aprendizagem de produção de textos considera-se que os gêneros textuais estão em contínua modificação e que têm uma relação de interdependência com o contexto.

Acredito que, através desses procedimentos podemos contribuir para a melhoria do ensino/aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua, e, além disso, contribuir para a formação de cidadãos mais atuantes e participativos em um mundo cada vez mais integrado.

Para concluir, gostaria de ressaltar que, um grande desafio na prática didática é fazer a ponte entre a teoria e a prática. Penso que o conhecimento não deve ficar circunscrito à sala de aula, mas abranger os espaços que nos cercam, a instituição de ensino, a comunidade e a sociedade. Mesmo quando estivermos em sala de aula, considerar constantemente, as situações reais de comunicação é fundamental, porque o aprendizado é mais efetivo quando há um problema real para se resolver ou se refletir sobre ele. No entanto, o conhecimento teórico é uma ferramenta essencial para que possamos evoluir como professores no processo de ensino/aprendizagem, sendo que ensinar a pensar deve ser nosso objetivo maior.

Referências

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. – Rio de Janeiro: Mana [online]. 2001, vol.7, n.2, pp. 7-33. ISSN 0104-9313. Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf - acessado em 30 de agosto de 2009.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Modelos didáticos de gênero: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira. – Londrina : UEL, 2007.

FOUCAMBERT, Jean. Modos de ser leitor. Trad. Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. – Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. – 1.ed., 13. reimpr. – Rio de Janeiro : LTC, 2008.

JORDÃO, C. M. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 46(1): 19-29, Jan./Jun. 2007.

MAGGI, Ludivine, blog disponível em <http://ludivine-umanonobrasil.blogspot.com>, acessado em junho de 2009.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro de M.; SCARAMUCCI, Matilde V. R. (2004) O papel da interação na pesquisa sobre aquisição e uso de língua estrangeira: implicações para o ensino e para a avaliação